



CONVERSANDO SOBRE O ENSINO DO LÉXICO: UMA ENTREVISTA COM MARIA AUXILIADORA BEZERRA

Herbertt Neves  0000-0002-4454-2755
Universidade Federal de Campina Grande
herbertt_port@hotmail.com

Evanielle Freire Lima  0000-0001-7509-9410
Universidade Federal de Campina Grande
nielle.ufcg@gmail.com

Maria Aline Rodrigues Bezerra  0000-0002-9850-261X
Universidade Federal de Campina Grande
rodriguesaline270@gmail.com

 <http://dx.doi.org/10.35572/v21i2.2312>

Recebido em 14 de maio de 2021

Aceito em 19 de julho de 2021

Maria Auxiliadora Bezerra tem doutorado (1981) em Estudos Românicos pela Université de Toulouse - le Mirail (França), no qual desenvolveu pesquisa sobre o vocabulário ligado à cultura do algodão em Campina Grande. Em seu mestrado (1979), pela mesma universidade, realizou pesquisa sobre o vocabulário de línguas rurais. É professora de Linguística e Língua Portuguesa na Universidade Federal de Campina Grande, onde já orientou diversas pesquisas na Graduação e na Pós-Graduação no campo da Linguística Aplicada, incluindo vários trabalhos na área da Lexicologia Pedagógica. Faz parte do conselho editorial da Revista Brasileira de Linguística Aplicada (RBLA), da revista Entrepalavras (UFC), das revistas Leia Escola e Letras Raras (UFCG), entre outras. É membro da Coordenação Editorial da Coleção Leituras Introdutórias em Linguagem, publicada pela Editora Cortez (SP). Atua principalmente na área de Linguística Aplicada, desenvolvendo trabalhos com os seguintes temas: ensino de língua materna, leitura/escrita e ensino de texto, vocabulário, avaliação da aprendizagem.

A professora Auxiliadora tem uma extensa publicação na área de ensino de língua portuguesa, com alguns destaques para suas reflexões sobre análise linguística e ensino do vocabulário. De seus livros publicados, destacamos *Análise linguística: afinal, a que se refere?* (2013; 2020), em coautoria com Maria Augusta Reinaldo, e *Estudar vocabulário: como e para quê?* (2004), em que foi organizadora. Nessas duas obras, discute-se como, no ensino de português, pode-se realizar o trabalho com o sistema linguístico do idioma. O foco desta entrevista, então, situa-se nesse contexto de trabalho com elemento do sistema linguístico do português, dando ênfase ao léxico, materializado nos textos em seu vocabulário.

1. *Professora, na relação entre léxico e ensino, as teorias inatistas e algumas vertentes da didática de línguas defendem que o léxico é adquirido, e essa aquisição, por sua vez, pode ocorrer por meio da exposição do aluno a diferentes textos. Na sua opinião, é possível propor um ensino sistematizado de léxico? E, nesse sentido, qual seria a relevância do trabalho com o léxico para o ensino de língua?*

Acredito que ocorra a aquisição do léxico por meio da exposição do aluno a diferentes textos, mas defendo também seu ensino sistematizado no âmbito tanto da língua 1 (ou primeira ou materna) quanto da língua 2 (ou segunda ou estrangeira). Na medida em que se trabalha com gêneros textuais diversos, na leitura, na oralidade (escuta ou produção do texto oral), na produção escrita ou digital (usando recursos verbais ou multissemióticos), e se enfatiza a adequação lexical a esses gêneros, deve-se propor seu ensino específico, buscando-se um aprendizado mais direcionado e explícito. Assim, considerando que o léxico é uma das unidades que compõem o sistema linguístico, seu ensino contribui para que se amplie a competência linguística (especificamente lexical) do aluno e este perceba, de forma mais consciente, que domina um conjunto de itens lexicais que lhe proporciona condições de compreender mais profundamente sentidos, nuances, intenções no texto que está lendo ou ouvindo e também lhe proporciona escolhas diversificadas para uso no texto que vai produzir. Ou seja, o vocabulário receptivo (ou passivo) e o produtivo (ou ativo) serão objeto de conhecimento metacognitivo do aluno. É sabido que o vocabulário e as unidades fonético-fonológicas da língua não constituem unidades destacadas no ensino de português na Educação Básica, no entanto esses aspectos que foram destacados (aprendizado direcionado e explícito, ampliação da competência

lexical, conhecimento do vocabulário receptivo e produtivo) demonstram quão relevante é o trabalho com o léxico no ensino, para a explicação, compreensão e produção textuais.

2. *Como a senhora descreveria um panorama dos objetos de conhecimento relacionados ao ensino do léxico/vocabulário na Educação Básica? Nesse sentido e de maneira geral, como o léxico aparece explorado nos livros didáticos? A senhora considera essa proposta produtiva?*

De modo geral, os objetos de conhecimento relacionados ao ensino do léxico/vocabulário na Educação Básica são sinonímia, antonímia, homonímia, efeitos de sentido, consulta ao dicionário, em resumo, voltados para estudos semânticos. O eixo de estudo privilegiado é o da leitura e, às vezes, o da produção textual. Porém, observando-se os estudos gramaticais em livros didáticos ou em aulas de Português, vê-se que há estudo de vocabulário nesse eixo também, embora com exploração gramatical. Para citar um exemplo, os processos de formação de palavras são descritos numa perspectiva puramente gramatical, sem relação alguma com ampliação do léxico da língua.

Assim, os livros didáticos de português exploram o vocabulário, preferencialmente, em seus aspectos semânticos (sinonímia, antonímia, paronímia, homonímia), relacionados à leitura de textos a partir, sobretudo, da substituição de um item lexical, considerado desconhecido dos alunos, por outro que seja seu sinônimo. Ainda se encontram também pequenos glossários com palavras julgadas mais desconhecidas pelo aluno acompanhadas de seus sinônimos ou explicações. Essa estratégia é limitadora da aprendizagem do léxico, pois se centra apenas no eixo da leitura e termina por ampliar o vocabulário receptivo (passivo) do

aluno, visto que ele passa a reconhecer uma determinada palavra, mas não necessariamente incorporá-la em seu vocabulário produtivo ou ativo. Trabalhar frequentemente a substituição de uma palavra por seu sinônimo leva o professor e o aluno a não analisar o papel do produtor do texto ao selecionar um conjunto de palavras (e não outras) para expressar o que deseja.

Um exemplo específico é quando a gente observa variação regional, quando vai estudar as variações linguísticas (fonéticas, históricas, lexicais) no livro. Muitos livros apresentam uma forma de estudo observando que o aluno deve trocar aquela palavra por outra que seja de categoria de mais privilegiada. Então, era muito comum pegar textos de Patativa do Assaré e substituir todos os regionalismos por palavras do português formal, culto, e aí o texto do Patativa desaparece. Acho isso um perigo, ensinar o léxico fazendo essa higienização. Não se deve fazer isso porque ele não está sujo, são variações diferenciadas, e devemos respeitar todas elas. Felizmente, essa prática não é mais comum!

3. *Qual é a sua visão acerca da proposta de trabalho com o léxico revelada nos documentos reguladores do ensino de língua?*

Como falei na resposta anterior, o vocabulário, juntamente com as unidades fonético-fonológicas da língua, não tem destaque no ensino de português na Educação Básica brasileira. Assim, os documentos reguladores desse ensino – como a BNCC –, ao não abordarem o trabalho explícito com o vocabulário, me fazem inferir que a perspectiva teórica que seguem é a inatista (de aquisição de linguagem, de vocabulário à medida que se expõe o aluno a textos variados). Analisando, por exemplo, as habilidades para os Anos Finais do Ensino Fundamental propostas na BNCC, veem-

se as referências feitas ao ensino de vocabulário identificadas no eixo da leitura, da oralidade, da produção textual e da análise linguística/semiótica, mas sem abordagem explícita. Por exemplo, a habilidade EF89LP06 – “Analisar o uso de recursos persuasivos em textos argumentativos diversos (como a elaboração do título, escolhas lexicais, construções metafóricas, a explicitação ou a ocultação de fontes de informação) e seus efeitos de sentido” – faz referência a escolhas lexicais: os itens lexicais selecionados no texto argumentativo devem ser explorados para que o aluno possa fazer uma leitura mais aprofundada desse texto.

Em relação à formação de palavras, encontram-se informações mais explícitas para o estudo. Por exemplo, as habilidades: EF07LP03 (“Formar, com base em palavras primitivas, palavras derivadas com os prefixos e sufixos mais produtivos no português”), EF67LP34 (“Formar antônimos com acréscimo de prefixos que expressam noção de negação”) e EF67LP35 (“Distinguir palavras derivadas por acréscimo de afixos e palavras compostas”). Em outras palavras, há uma indicação de como explorar o vocabulário a partir de aspectos morfológicos e semânticos. O que nós observamos aí é uma indicação mais clara para o professor de como trabalhar com o vocabulário na sala de aula, levando em conta aspectos morfossemânticos, porque é preciso trabalhar com os afixos, mas sem desconsiderar o que significam. Aí vemos um direcionamento bem claro do que fazer com a formação de palavras.

Da forma como essas habilidades estão redigidas, dá a entender que as palavras vão ser trabalhadas de forma isolada, não em um texto, em um contexto qualquer. Dá a entender que o professor vai pegar algumas palavras e vai pedir ao aluno que acrescente o prefixo ou sufixo, e aí eles vão trocando palavras e formando outras, identificando os sentidos que vão

aparecer com esse acréscimo de prefixo ou de sufixo. Fico preocupada, então, com essa perspectiva porque dá a entender que se estuda vocabulário em palavras soltas, e isso é suficiente para se aprenderem todos os itens lexicais de que se necessita e, conseqüentemente, se saiba utilizar nos textos a serem produzidos. Entretanto, sabemos que não é assim. Não basta estudar o texto isolado como se fosse em uma lista, e nós fizéssemos um *check-list* do que já estudamos ou falta estudar. Isso não é suficiente. Depois, quando se trabalha com antônimo ou sinônimo, o que a gente vai observar é que, se a gente enfatiza a substituição de uma palavra no texto por outra sinônima, a gente vai desconsiderar a intenção, o trabalho que o autor do texto teve quando escolheu aquela palavra para colocar no seu texto, porque ele escolheu aquela que representava melhor para o que ele queria. Aí vamos tirando essas palavras e colocando um sinônimo no lugar, o que vai destruindo o texto original. Por isso, é preciso ter cuidado quando se trabalha o vocabulário.

4. *Quais são as diferenças mais gerais que a gente pode destacar entre o trabalho com o ensino do léxico em língua materna e em língua estrangeira?*

A língua materna (ou primeira), por ser do domínio do aluno, favorece tanto a aquisição quanto a aprendizagem do léxico, visto que esse aluno está imerso no ambiente em que se fala a língua, logo as oportunidades de ampliação lexical são constantes. Já a língua estrangeira (ou segunda), por não ser ouvida e praticada constantemente, mas apenas em ambiente de estudo, requer uma atenção especial, pois dominar uma língua estrangeira requer necessariamente um bom conhecimento de unidades lexicais associado a estruturas morfossintáticas, a aspectos culturais, pragmáticos, etc. Assim, o

ensino do vocabulário de uma língua estrangeira leva em conta (1) a tradução: relação entre a palavra estrangeira e a da língua materna, mas reconhecendo que a tradução não proporciona equivalência total entre as palavras da língua de partida e as da língua de chegada; (2) a forma oral e escrita: é preciso aprender a pronunciar e escrever as palavras e identificar morfemas que contêm significados lexicais; (3) o sentido: explorar forma e sentido, conceitos e referentes, associações entre palavras; e (4) sua utilização em contextos específicos e suas restrições. Isso não quer dizer que, no ensino de vocabulário de língua materna, não se possam utilizar essas estratégias (exceto a tradução), mas o domínio dessa língua pelo aluno torna o trabalho muito mais fácil de aprendizagem do que no da língua estrangeira.

5. *Dentro da perspectiva de ensino de vocabulário, como a senhora entende o trabalho com o dicionário na aula de língua portuguesa?*

O dicionário é um objeto cultural de extrema importância para a aprendizagem de uma língua. Ele traz em si informações valiosas sobre aspectos culturais, históricos, sociais, linguísticos, além de abonações que comprovam seu uso em vários contextos. Assim entendido, considero que o dicionário impresso ou digital pode ser explorado na sala de aula observando-se desde suas características mais operacionais (como localizar o item lexical procurado, que informações são contempladas, por exemplo), passando por sua organização (entrada, verbete, abonação, estruturação em ordem alfabética, em campos semânticos ou lexicais) até os aspectos ideológicos que direcionam a seleção dos itens lexicais que servirão de entradas, das informações que compõem os verbetes, as definições, a fonte dos exemplos, a

teoria lexicográfica que fundamenta o dicionário e tantos outros aspectos que podem ser explorados, para que os alunos não se limitem a vê-lo apenas como local onde se verifica o ortografia das palavras.

6. O que a senhora pensa sobre o ensino das classes de palavras na Educação Básica?

Vou abordar esse tema em uma perspectiva epistemológica e metodológica. Do ponto de vista epistemológico, o ensino das classes de palavras na Educação Básica se insere no ensino de gramática, que, conforme Perini (2014), deve fazer parte do currículo da escola, como disciplina científica, tal como física, química, história. Esse ensino possibilita aos alunos identificar o funcionamento da língua, a necessidade de classificar suas unidades constitutivas, para melhor compreendê-la, fazendo-os se apropriarem de um conhecimento que resulta de uma confrontação entre afirmações dos pesquisadores e a realidade linguística. Assim, o ensino de classes gramaticais, mesmo com uma concepção e terminologia advindas da Gramática Tradicional, pode ser desenvolvido em sala de aula, influenciado pelos estudos atuais, que consideram a língua como objeto múltiplo, com unidades diversas e funcionamentos variados. Do ponto de vista metodológico, esse ensino deve partir da observação da língua em uso, para, numa perspectiva epilinguística, levar o aluno a refletir sobre a realidade linguística e ser capaz de fazer abstrações que o ajudem a entender como suas palavras se organizam (referindo-se ora ao mundo extralinguístico, ora ao mundo linguístico), ou seja, chegando a um estudo metalinguístico. Nesse sentido, é possível o ensino de classes de palavras, propondo-se alternativas aos tópicos da

tradição gramatical, apoiando-se nos estudos mais recentes. O ensino de classes de palavras é feito com terminologia, que contribui para eliminar ambiguidades e jogos polissêmicos e para haver uma desejada precisão conceitual. Dessa forma, o ensino de classes favorece o desenvolvimento da capacidade de abstração dos alunos e economia linguística, já que utilizarão termos conhecidos por todos, dispensando-se explicações constantes.

7. É possível propor um trabalho com o léxico a partir dos critérios de textualidade como a coesão e a coerência? Como esse trabalho poderia ser feito?

Considerando que os alunos, de modo geral, têm um repertório lexical restrito em relação a termos coesivos, é possível um trabalho com o vocabulário voltado para a diversificação desses termos, sobretudo, quando não há o domínio da escrita. Essa exploração vai contribuir para que o texto do aluno seja produzido com mais desenvoltura e adequação ao solicitado e, conseqüentemente, para que o aluno entenda os textos que ele lê e aprenda a identificar e usar termos para tornar o texto mais claro e mais fácil de ser compreendido. Podemos lembrar que uma das habilidades esperadas na prova de redação do ENEM é exatamente a articulação das informações de forma adequada, com repertório variado de recursos coesivos. Da mesma forma se dá com a coerência textual, pois o uso dos itens lexicais deve contribuir para que o texto tenha progressão, seu tema seja desenvolvido sem comprometimentos causados pela incoerência. Podemos propor, por exemplo, textos bem redigidos, apenas com inclusões de elementos inadequados para que o aluno perceba pontos destoantes no texto e proponha sua reformulação. Em seguida, o professor discutirá com a turma a presença desses

elementos inadequados e sua consequência para o texto. É válido ressaltar a importância de nunca trabalhar na sala de aula textos de alunos daquela sala, mesmo que você não apresente o nome do autor, a fim de não constranger o aluno. Em suma, um estudo reflexivo sobre as unidades lexicais que contribuem para a coesão e a coerência textuais contribuirá para melhor entender esses critérios de textualidade.

8. *Para além do caráter corretivo, de que forma podemos trabalhar aspectos como a seleção lexical em sala de aula?*

Numa perspectiva de vocabulário produtivo ou ativo, acredito que se pode ensinar o léxico isento de caráter corretivo. Por exemplo, (1) levar o aluno a produzir textos que contenham palavras que estejam mais próximas das realidades abordadas, ou dos conceitos em estudo; (2) trabalhar um texto com palavras genéricas, guarda-chuvas (como “coisa”, “dizer”, “falar”, “isso”) para que os alunos as substituam por outras mais específicas e esclarecedoras, que tornam o texto mais claro para o leitor; (3) analisar textos de áreas do saber diferentes (literatura, história, geografia, etc.) e verificar que unidades lexicais são mais frequentes em uma área e não em outra; e (4) ler um texto de divulgação científica e compará-lo com o artigo que lhe deu origem, para verificar as adaptações e alterações lexicais realizadas. Embora seja um exercício trabalhoso, que demanda tempo e disponibilidade para pensar em formas de produção da seleção lexical dos alunos, acredito que ele promova um bom resultado.

9. *A variação lexical aparece nos livros didáticos em questões que, na maioria das vezes, pretendem estabelecer oposições entre exemplos de usos populares e a gramática normativa.*

Quais resultados podem ser obtidos a partir do trabalho com esse modelo de questão?

Explorar-se a variação lexical na perspectiva de substituição pelo que é considerado “correto”, segundo a prescrição, produz impactos negativos em relação aos alunos e ao aprendizado do léxico. Em relação aos alunos, podemos identificar impacto como o silenciamento: os alunos preferem calar-se a expressar-se em aula, pois percebem que o dialeto ou a variedade linguística que usam é desprestigiada e motivo de correção. Em relação ao aprendizado do léxico, um dos impactos é a não apropriação das unidades lexicais, visto que o ensino se dá considerando essas unidades como palavras isoladas (como se estivessem em uma lista), sem contextos cultural, sociopragmático, histórico, que contribuem para a compreensão de sua existência e de seus usos. Parece ser um estudo que mostra mais a língua tendo uma única opção de uso do que várias possibilidades, consequentemente, um estudo mais restritivo. Além disso, contribui para que os alunos infiram que a variação lexical é algo a ser descartado. Dessa forma, o ensino do vocabulário sofre, e a gente não atinge o objetivo que é fazer os alunos ampliarem o seu repertório para saber usá-lo adequadamente em situações variadas.

10. *Como podemos compreender as diferenças entre as abordagens de léxico em uma perspectiva morfológica e em uma perspectiva semântica?*

De fato, os aspectos morfológico e semântico do léxico são separados didaticamente para seu estudo. No entanto, o léxico, em usos efetivos, envolve esses aspectos concomitantemente. A estratégia de estudar o vocabulário em seus aspectos morfológicos não tem como objetivo

explorar apenas estruturas gramaticais, mas para associá-los ao aspecto semântico: levando em consideração formas linguísticas (como prefixo, sufixo) cujos significados podem ser conhecidos, os alunos relacionam essa formação da palavra com o elemento desconhecido (o morfema lexical) e o contexto em que se encontra e inferem seu significado. Apropriando-se dessa estratégia, o aluno pode utilizá-la em outras situações em que depare com uma palavra que desconhece e possa dar-lhe sentido, mesmo que apenas naquele contexto em que se encontra (solucionando um problema de compreensão textual imediato). O importante é que essas perspectivas morfológica e semântica não sejam excludentes.

11. *A senhora acha que a ausência de pesquisas sobre a relação entre léxico e ensino em quantidade expressiva interfere no espaço que o léxico ocupa na aula de português?*

Acredito que sim, pois, ao longo da história do ensino de língua portuguesa, vemos que propostas teórico-metodológicas na sala de aula refletem estudos desenvolvidos por pesquisadores. A título de ilustração, cito, a partir de um recorte cronológico arbitrário, a década de 1960, em que o ensino de português, no Brasil, se dava com a exploração da gramática tradicional, para aprendizagem das categorias gramaticais, como forma de dominar os recursos para falar e escrever bem. Na década de 1970, o foco do ensino se volta para formas de comunicação e expressão (linguagem verbal e não verbal, circuito da comunicação, textos literários em concorrência com HQ, propagandas, etc.), exercícios estruturais (de repetição, transformação e substituição) com frases, por influência da Linguística Estrutural cujo estudo se expandia nos

cursos de Graduação e Pós-Graduação, no Brasil. Quanto mais pesquisas relacionadas a ensino se faziam, mais alterações se propunham para o ensino de português na Educação Básica. Nos anos 1980, vemos a influência de teorias cognitivas de leitura (à época, em estudos e pesquisas variadas) com o objetivo de desenvolver a capacidade de leitura dos alunos na sala de aula (o foco era a leitura, e a Gramática Tradicional e os exercícios estruturais não tinham tanto crédito). Na década de 1990, além do ensino de leitura, incluiu-se o da escrita, observando-se aspectos gramaticais, mas também aspectos pragmáticos e interacionais dos textos. A partir dos anos 2000, vemos o ensino influenciado por teorias linguísticas as mais diversas (Linguística Aplicada, Linguística Textual, Pragmática, Teorias de gêneros textuais/discursivos, letramentos, etc.). As áreas com mais pesquisas – relacionadas ao ensino – realizadas e divulgadas têm mais presença na sala de aula da Educação Básica. Consequentemente, as menos divulgadas ou sem relação explícita com o ensino de português têm pouco espaço na sala de aula. Teorias como a Fonética, Fonologia, Lexicologia e a Lexicografia não fizeram pressão nenhuma para fazer parte do currículo das escolas; consequentemente, não estão na sala de aula, ou não ocupam lugar de destaque.

12. *Ainda sobre essa questão, o que a senhora poderia sugerir como possibilidades de pesquisa sobre o léxico e seu ensino?*

Diversas são as possibilidades de pesquisa sobre léxico e seu ensino, numa perspectiva tanto de uso quanto de reflexão sobre as unidades lexicais. Em relação ao uso, pesquisas que busquem a ampliação vocabular do aluno para que seu repertório seja diversificado de acordo com os contextos em que se encontra e com os temas que aborde. Por

exemplo, em contato com profissionais diversos, usar um vocabulário adequado ao tema explorado: diretor da escola, médico, músico, artista, influenciador digital, etc. Assim, à medida que o vocabulário é alterado, palavras novas precisam ser aprendidas. Em relação à reflexão sobre as unidades lexicais, pesquisas sobre ampliação lexical, considerando os processos que mais contribuem para essa ampliação. Por exemplo, os neologismos por meio dos empréstimos, dos estrangeirismos, em que áreas do conhecimento (que língua/s mais contribuem, que adaptações ocorrem no português), que implicações culturais demonstram. Pesquisas sobre o vocabulário próprio dos jovens, incluindo gíria, palavras do mundo das mídias digitais; pesquisas comparativas entre o vocabulário dos jovens e de seus pais quando jovens, explorando-se os aspectos culturais envolvidos nos dois grupos. Podemos, também, fazer um estudo do dicionário em seus aspectos culturais, estruturais ou linguístico-textuais e comparar um dicionário a outro, observando os caminhos que eles seguem. Entrevistar professor e aluno acerca de determinado vocabulário. Estudar o vocabulário de uma determinada atividade da sociedade e elaborar um glossário para que os vocábulos usados naquela atividade permaneçam na história da língua, nem que seja em um documento escrito. São alguns exemplos.

13. *Para finalizar nossa conversa, como a senhora explicaria o papel do léxico na relação entre texto, discurso e ensino?*

Considerando que os textos que produzimos não são neutros, que revelam nossas formas de avaliar e demonstrar nossos valores, o ensino do léxico necessariamente exige que o professor explore com os alunos a seleção lexical utilizada no texto

associada ao tema abordado, ao gênero textual, ao objetivo desse texto, ao momento sócio-histórico em que o texto foi produzido, para propiciar uma leitura mais aprofundada, mais vertical, para ver nas entrelinhas, para perceber as intenções, para identificar forças argumentativas, para identificar a visão de mundo que perpassa o texto e entender que a seleção de palavras para aquele texto não é gratuita, mas ela tem um viés relacionado aos discursos, a nossas formações, nossas crenças, nossas representações sociais, que estão nos ajudando a usar esta palavra ou essa para dizer isso ou aquilo outro. O mesmo deve ocorrer com a produção textual, para que o aluno tenha clareza de que a seleção lexical em seu texto reflete o gênero textual subjacente (suas características) e as formações discursivas do próprio aluno. Em relação aos estudos gramaticais, o léxico também é estudado em seu contexto. Por exemplo, a partir da sigla DDT (Diclorofeniltricloroetano, termo próprio da área de Química), denominação de um inseticida muito utilizado no século XX, formou-se o substantivo *dedetização*, que se referia à aplicação do inseticida DDT. Com a proibição do uso desse inseticida – que é pouco biodegradável, que se acumula no ecossistema, provocando-lhe danos – o significado primeiro de *dedetização* desapareceu, permanecendo apenas o de “aplicação de inseticida” (seja ele qual for). A alteração do significado desse substantivo é fruto de discursos em prol da preservação da saúde e do meio ambiente. Esse exemplo mostra, minimamente, que ensino de léxico, texto e discurso se imbricam inevitavelmente.